

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

Manuela Vilela Azevedo Silva Cotrim

**Buscando transformar a cultura do trote universitário:
a construção de um vídeo educativo**

Florianópolis

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

**BUSCANDO TRANSFORMAR A CULTURA DO TROTE UNIVERSITÁRIO:
A CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO EDUCATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Odontologia da UFSC como
requisito para a graduação.

Aluna: Manuela Vilela Azevedo Silva
Cotrim

Orientadora: Profa. Dra. Mirelle
Finkler

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Cotrim, Manuela

Buscando transformar a cultura do trote universitário:
a construção de um vídeo educativo / Manuela Cotrim ;
orientadora, Mirelle Finkler , 2020.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Saúde, Graduação em Odontologia, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Odontologia. 2. trote universitário. 3. violência.
4. formação profissional. 5. ética. I. , Mirelle Finkler.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Odontologia. III. Título.

Manuela Vilela Azevedo Silva Cotrim

**Buscando transformar a cultura do trote universitário:
a construção de um vídeo educativo**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Graduação em Odontologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Odontologia.

Florianópolis, 20 de Julho de 2020.



Documento assinado digitalmente
Glauca Santos Zimmermann
Data: 05/08/2020 15:57:51-0300
CPF: 806.430.869-00

Profa. Dra. Glauca Santos Zimmermann
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Mirelle Finkler
Data: 05/08/2020 09:09:36-0300
CPF: 004.461.199-46

Profa. Dra. Mirelle Finkler - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Glauca Santos Zimmermann
Data: 05/08/2020 18:09:15-0300
CPF: 806.430.869-00

Profa. Dra. Glauca Santos Zimmermann - Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Rodrigo Otávio Moretti Pires
Data: 05/08/2020 17:38:14-0300
CPF: 264.986.708-60

Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti - Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse trabalho a todos aqueles que
vivenciaram a experiência do trote universitário
e que foram marcados de alguma forma.
Deixo aqui minha faísca de transformação.

AGRADECIMENTOS

A alegria de agradecer traz lembranças de tantos momentos incríveis e insubstituíveis pelos quais passei e compartilhei nesses anos que eu seria capaz de passar o dia sorrindo diante dessas cenas na minha mente.

Há urgência em agradecer aos meus pais, *Fernanda e Luis Eduardo*, por me ensinarem tudo o que sei e sou hoje. A gratidão é eterna pela educação que me proporcionaram, pela dedicação, pela moradia, pela segurança, pelo conforto, carinho, aconchego, amor e liberdade. Agradeço por confiarem em mim e me permitirem, em todos os sentidos, viver a maior aventura de minha vida até hoje: morar a mil quilômetros de casa. Obrigada por estarem sempre presentes. Estar perto nunca foi físico.

Devo eterna gratidão a meu irmão *Lucas*. Crescer perto dele foi aprendizado diário. Eu viveria quantas vezes fosse preciso pra vir irmã dele de novo. Eu o amo como amo o amor, como o amor é e simplesmente como Lucas é.

Aos meus avós, *Ernani e Ana*, agradeço ao eterno amparo, paciência, colo, ouvidos, telefonemas diários e trocas de receitas. À *Sandra*, mesmo que não mais nesse plano espiritual, não poderia deixar de prestar minha homenagem – uma mulher forte, independente e que tanto lutou pela educação da sua região.

Honro, reconheço e agradeço minha ancestralidade. Gratidão por tudo o que vivenciaram e me possibilitaram ser hoje quem eu sou. Peço perdão pelos meus erros, eu os perdoo pelos seus também. Amo cada um de vocês e agradeço por nós.

Ao Universo, agradeço por suas excepcionais energias que me conduziram até aqui. Eu entrego, agradeço e confio.

Sou grata pelos meus privilégios, e farei desse lugar um espaço de incessante busca por direitos e oportunidades iguais às pessoas.

Reverencio e admiro todas as mulheres que lutaram por nossos direitos. Sem elas não saberíamos ler, não teríamos acesso ao ensino superior e não teríamos avançado tanto por nossa busca por respeito e igualdade. Por trás de mim, há milhares delas.

Meu muito obrigada ao meu companheiro de anos, *Gabriel*, por esse encontro que tanto nos ensina. Reciprocidade é loteria.

Bru, Debs, Cami, Joy, Ma e Isa – minhas irmãs de alma. Escolhidas a dedo. A mais de uma década juntas devassando o infinito.

Agradeço pela família que escolhi. Três amigas especialmente importantes, diferentes e fundamentais. *Lara, Vani e Lari* já sinto saudade da nossa casa. Obrigada

por compartilharem a simplicidade que é ver beleza na nossa rotina e o aprendizado que foi viver nossas aventuras juntas. Carregarei vocês comigo por toda a vida.

Com meus amigos daqui do Sul eu costumo brincar: “Nem me lembro mais como era vida antes de vocês”. *Rafa, Adri, Pedro, Vini e Lena*, agradeço pela generosidade em permitir que nossas conversas e trocas sempre chegassem além e me transformassem de alguma forma. Obrigada por estarem sempre prontos e aqui. Vocês fazem parte de quem sou.

À minha dupla da clínica faltam palavras para agradecer. Nossas diferenças nos complementaram e fizeram de nós uma potência gigantesca. Desenvolvemos uma capacidade sem igual de conversar pelos olhos e sorrir por eles também. Certamente terá muito de *Mari* na Manu profissional e amiga. Obrigada.

Agradeço a paciência, o comprometimento, envolvimento e verdade da minha querida orientadora *Mirelle* desde o início desse processo, que nos renderam lindos momentos acompanhados de muita inspiração e troca. Não poderia ser outra pessoa senão você. Foi uma honra trabalhar com uma professora e pesquisadora excepcional, além de uma mulher tão forte e com tantos princípios.

Não poderia deixar de dedicar meus agradecimentos à *Thiago Bogut*, pela competência, criatividade e dedicação em transformar nosso trabalho numa grande arte capaz de transmitir a mensagem que gostaríamos com tanta sensibilidade.

Muito obrigada a todos os servidores da universidade, em especial ao *Batista*, ao *Luiz*, à *Fátima*, à *Day*, à *Nil* e à *Rô* – vocês sempre foram nosso braço direito e esquerdo nesse processo todo. Sem vocês não seria possível.

Um agradecimento especial ao *SUS*, e a todos os *pacientes* que chegaram até mim através desse sistema que garante o direito à saúde para todos os brasileiros sem qualquer tipo de discriminação. Vocês são transformadores e essenciais para nosso desenvolvimento quanto profissionais de saúde e seres humanos.

Por fim, agradeço a *Universidade Federal de Santa Catarina*, que foi palco do meu aprendizado, crescimento e amadurecimento ao longo desses anos de graduação. Derramo minha gratidão por tamanho acolhimento e por ceder seu tempo, espaço, estrutura, funcionários, entre tantas outras coisas, para a formação de pessoas. Viva a universidade pública, gratuita e de qualidade!

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Introdução: O trote universitário é um fenômeno que surgiu há alguns séculos e continua sendo uma questão recorrente na vida de universitárias mundo à fora. Este trabalho surgiu da preocupação com as influências do trote na dimensão ética da educação profissional em saúde, bem como da intenção de intervir nesse processo. **Objetivo:** Construir um material audiovisual capaz de sensibilizar e promover a conscientização sobre os problemas derivados da cultura do trote, fomentando reflexões sobre a necessidade de engajamento na transformação desta prática social. **Método:** A partir da revisão de literatura sobre o objeto de estudo, foram identificados os principais aspectos sobre o fenômeno em relação à formação profissional em saúde. Tais questões foram desenvolvidas na forma de um texto-roteiro para a elaboração do vídeo. Sua primeira versão foi produzida por um designer gráfico, que fundiu imagens em movimento à gravação do texto em áudio. Finalizada a primeira versão, o vídeo foi submetido a sucessivas avaliações individuais por um grupo de quatro estudantes e duas professoras, através das quais o mesmo foi aperfeiçoado em termos de conteúdo, e layout/forma de apresentação, até chegar a sua versão final. **Resultado:** O presente trabalho tem como resultado o vídeo produzido com duração de 5 minutos e 50 segundos, e aborda a definição, a origem e as motivações do fenômeno, bem como a relação do trote universitário com questões éticas da formação de profissionais de saúde. O vídeo questiona o conceito de “trote solidário” e por fim, destaca a necessária transformação da cultura de violência acadêmica e social, visando a promoção da dignidade humana. As contribuições das estudantes e professoras que avaliaram o vídeo permitiram aprimora-lo especialmente em termos de compreensibilidade. Com o seu compartilhamento em diferentes setores institucionais da UFSC e nas redes sociais, espera-se contribuir com os objetivos a que este trabalho se propôs. **Conclusão:** A produção deste TCC no formato de um vídeo educativo buscou compartilhar os resultados de pesquisas científicas anteriormente produzidas sobre o trote universitário, a fim de contribuir efetivamente na transformação deste por meio de sua sensibilização e reflexão. Além disso, buscou reiterar a importância da ética e da humanização nas práticas em saúde e nos processos educacionais das futuras profissionais da área, fomentando a transformação da cultura do trote universitário.

Palavras-chave: Trote; Violência; Assédio moral; Formação profissional; Ética

ABSTRACT

Introduction: University hazing is a phenomenon that emerged a few centuries ago and remains a recurring issue in the lives of university students worldwide. This work arose from the concern with the influences of hazing on the ethical dimension of professional health education, as well as from the intention to intervene in this process. **Objective:** Build audiovisual material capable of raising awareness and promoting awareness of the problems arising from the culture of hazing, fostering reflections on the need to engage in the transformation of this social practice. **Method:** From the literature review on the object of study, the main aspects about the phenomenon in relation to professional training in health were used. These questions were created in the form of a text script for creating video. It's first version was selected by a graphic designer, who founded moving images in audio text recording. Finalized in the first version, the video was subjected to successive individual tests by a group of four students and two teachers, through which it was perfected in terms of content, layout / presentation, until reaching it's final version. **Result:** The result of this work is the video produced with a duration of 5 minutes and 50 seconds, and addresses the definition, origin and motivations of the phenomenon, as well as the relationship of the university universe with ethical issues of training health professionals. The video questions the concept of "solidarity hazing" and finally, except for the destruction of the culture of academic and social violence, the promotion of human dignity. As contributions from students and teachers who evaluated or video, allowed to improve it especially in terms of comprehensibility. With its sharing in different institutional sectors of UFSC and on social networks, it is expected to contribute to the objectives that this work proposes. **Conclusion:** The production of this TCC in the educational video format seeks to share the results of previous scientific research on the university universe, in order to contribute effectively to the transformation of this means of awareness and reflection. In addition, you seek to reiterate the importance of ethics and humanization in the health practices and educational processes of future professionals in the field, fostering the transformation of the culture of universal education.

Keywords: Hazing; Violence; Bullying; Professional qualification; Ethic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 Trote	4
2.2 A formação em saúde e o trote	8
2.3 Compreendendo o fenômeno mais a fundo	12
2.4 Trote violento, trote leve, trote solidário: é coerente qualificar?	21
2.5 Legislações sobre trote universitário.....	23
2.6 Panorama atual e recomendações	25
3.OBJETIVOS	30
4.MÉTODO	31
4.1 Etapas de construção do material educativo.....	31
4.2 Aspectos éticos.....	32
5. RESULTADO	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXO 1.....	41
APÊNDICE A - ROTEIRO DO VÍDEO.....	42
APÊNDICE B - SUGESTÕES PARA APERFEIÇOAMENTO DO VÍDEO	46

Inspirada em Debora Diniz e encorajada por Ale Mujica Rodriguez que foi membro suplente da banca de avaliação deste TCC, reescrevi este trabalho no feminino. A referência a “alunas”, “calouras”, “veteranas”, “universitárias”, não significa que este TCC não se refira a estudantes universitários homens. Ao contrário, exatamente porque o lugar dos homens está tão bem assegurado no mundo acadêmico é que me lancei à transgressão de escrever este trabalho no feminino universal. Porque se queremos viver um mundo sem desigualdade de gênero, precisamos colocar luz sobre esta questão.

1 INTRODUÇÃO

O trote tem sido bastante recorrente na vida de universitárias mundo à fora. A caloura, recém-chegada, têm muitas expectativas em relação à universidade e à recepção por parte das veteranas. Estas, muitas vezes, visando integração acadêmica e aceitação por parte das outras estudantes, acabam se submetendo a situações intimidadoras e violentas (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Apesar da origem encontrar-se nos séculos passados, esse fenômeno ainda ocorre de forma habitual e relevante, nacional e internacionalmente, e com frequência, atos de iniciação cobertos por barbárie são veiculados pela mídia (ZUIN, 2002). No entanto, os atos carregados de violência simbólica, que continuamente acontecem, são invisibilizados (ZUIN, 2011). Dessa forma, não chamam atenção devido à naturalização desse fenômeno cultural do trote como “um rito de passagem”, envolto em um pano de fundo bastante violento do ponto de vista da “caloura”, a qual só espera se sentir “aceita” após o trote.

Não há como negar a ambiguidade a respeito do tema. Há perspectivas opostas: a cooperativa, de integração, amizade e participação; versus a de violência, agressão e humilhação. As consequências desses episódios para as jovens, sejam elas positivas ou não (como na maior parte das vezes) marcam sua trajetória dali em diante. A perspectiva cooperativa e humanizada do trote é de relevância para essas estudantes recém ingressadas em um novo universo, buscando incessantemente a identificação grupal.

Os primeiros convívios da caloura com a universidade são importantes na relação com a futura profissão, assim como com o desenvolvimento de princípios e compromissos éticos. Quando essas jovens são recebidas de forma humanizada e respeitosa a influência torna-se positiva. Já quando a perspectiva violenta entra em cena, esses compromissos e princípios iniciam-se de forma desajustada uma vez que a recepção é pautada em relações de poder e abuso (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Quando se diz respeito à formação em saúde - contexto no qual este trabalho foi produzido - o quadro se torna ainda mais preocupante. Futuras profissionais que terão de ter no dia-a-dia o olhar empático, o cuidado, o acolhimento, o respeito à

individualidade e ao protagonismo da paciente, sendo incoerente e frequentemente recepcionados de forma desrespeitosa, cruel, submissa e violenta por algumas de suas pares (MARTINS, 1999; COSTA *et al*, 2013).

A formação ética do ser humano tem dentre suas premissas o cuidado, afinal, aquela que foi cuidado sente-se dessa forma e terá, conseqüentemente, maiores condições de cuidar das outras. O mesmo é válido quando se toma como base a educação. Educar e cuidar são termos complementares, e só é possível colocá-los em prática através da criação de vínculo entre quem educa/cuida e quem é educada/cuidada se houver amor e respeito (SCORTEGAGNA; ALVAREZ, 2008).

O trote ainda é uma questão significativa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), principalmente nos cursos que são mais valorizados pela sociedade, e nos quais é mais difícil ingressar. No caso da Odontologia, há o histórico de tal fenômeno ocorrer de forma recorrente, inclusive com repercussão na mídia, demandando preocupação por parte do corpo docente. Assim, trazer à tona o tema do trote universitário como um Trabalho de Conclusão de Curso, é uma tentativa de contribuir para a construção de novas formas de lidar com o trote no curso de Odontologia da UFSC e em nossa universidade como um todo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Trote

A tradição do trote se perpetua no transcorrer dos séculos, tendo como origem a Idade Média. Esse ritual nasceu a partir da necessidade de aplicar medidas profiláticas contra a propagação de doenças. Zuin (2002), em “O Trote na Universidade”, relata que as candidatas (do latim *candidatum*, ou seja, “branco”, “puro”) aos cursos das primeiras universidades europeias não podiam frequentar as mesmas salas que as veteranas, e, portanto, ficavam nas ante-salas. Além disso, tinham suas roupas retiradas e queimadas, e os cabelos raspados, objetivando a não disseminação de enfermidades. Nessa época, o acesso à universidade significava a possibilidade da aquisição de um novo *status* social, e assim, era buscada pela burguesia e pelas camponesas, que eram alvo de desprezo e discriminação (COLTRO, 1999, p.135)

O primeiro registro do trote com conotação violenta na história aconteceu em 1342, na Universidade de Paris, e foi fruto de uma rixa existente entre alemães e parisienses que frequentavam as mesmas classes (MATTOSO, 1985). Porém, foram nas universidades alemãs que as práticas bárbaras ganharam força e esse viés abusivo.

Após calouras serem espancadas, obrigadas a beber urina, ter os pelos do nariz e cabelos arrancados (ZUIN, 2002), prestavam um juramento em que se comprometiam a “fazer com as próximas novatas tudo o que lhes foi feito” (MATTOSO, 1985, p. 29-34).

Nessas mesmas universidades alemãs, as calouras passaram a ser rotuladas como animais irracionais, as quais precisariam ser domesticadas por suas veteranas e assim, passar por uma série de provocações para serem, enfim, consideradas civilizadas e detentoras do direito de participar da vida universitária (ZUIN, 2011).

No Brasil, o trote chegou muito provavelmente através das estudantes de Direito das faculdades de Pernambuco e de São Paulo, que tiveram parte do seu processo formativo na Europa, mais especificamente na Universidade de Coimbra e, portanto, participaram dessas práticas (MATTOSO, 1985, p.79).

Data desse mesmo período, uma poesia que coloca em evidência, pela primeira

vez, a associação entre caloura, animalidade e burrice, deixando evidente que o sentido original da atividade do trote veio sendo esquecido e substituído pelos ritos de passagem baseados em violência como forma de integração. Como exemplo podemos citar o ato de raspar os cabelos, que a princípio objetivava profilaxia, e atualmente visam a padronização (também ressoando na identidade) das estudantes como “bichos” (ZUIN, 2002).

Etimologicamente, a palavra “trote” é observada em muitos idiomas: *novatadas* em castelhano, *praxe* em Portugal, *bizutage* na França, e *hazing* nos Estados Unidos. Tal fenômeno faz parte da vida acadêmica de muitos países, e refere-se à prática de um ritual de iniciação realizado no coletivo, sendo marcado fortemente por dinâmicas de submissão e poder entre as veteranas e calouras (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019). O que corrobora com os achados de Zuin (2011) e remete assim, ao sentido de domesticar.

Por fazer alusão à forma como os cavalos se movimentavam em passos ordenados, e ao galope, o termo “trote” cria uma perfeita analogia entre o animal que trotava e o comportamento da caloura, a qual se movimenta num ritmo de grande velocidade que acaba por compactuar com as humilhações às quais é submetida.

Além disso, cabe também a observação sobre a consonância acerca da forma como os cavalos e as alunas são adestradas e precisam aprender a manter um ritmo fixo e ordenado. Em relação ao cavalo, a chicotadas e esporadas das adestradoras, e a aluna, as práticas vexatórias e dolorosas das veteranas (ZUIN, 2000, p.30).

O processo civilizatório, composto por atos bárbaros pelo qual a caloura é submetida, é justificado quando essa é julgada como uma animal irracional pelas veteranas. A recém ingressada na universidade resigna-se em silêncio frente as atrocidades impostas, e sofre com o prazer sádico de sua veterana.

Essa dor, porém, no semestre seguinte, quando essa caloura se encontra na condição de veterana, ganha forças e se enxerga no “direito” de se vingar das próximas novatas (ZUIN, 2011).

A campanha “Trote Nunca Mais”, do ano de 2000, da Universidade Estadual Paulista (UNIFESP) foi um exemplo de iniciativas passageiras e urgentes, motivada pela morte do calouro de medicina Edson Tsung-Chi Hsueh durante o trote universitário. A ação tinha como intuito criticar a existência de trote com abordagem

abusiva e violenta, porém acabou por recrudescer o clima cultural que legitima a agressão, uma vez que as frases finalistas do concurso diziam: “Cuidado, veterano! Bixo agora é protegido por lei”, ou ainda “Calouro é bixo, mas veterano não pode ser animal”.

A reflexão proposta por Zuin (2011), acerca do processo ocorrido na UNIFESP, trouxe a luz a seguinte discussão: “Será que tais frases, eleitas através da campanha na UNIFESP, não expressam, às avessas, exatamente aquilo que se pensa sobre a caloura?”

A própria grafia errônea da palavra “bicho” é um indicio da atitude de menosprezo e soberba intelectual, assim como o termo, que faz alusão ao fato de precisarem ser “domesticadas” pelas veteranas (ZUIN, 2002, p.35).

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2015, com professoras, calouras, veteranas e gestoras evidenciou a ambiguidade da representação social do trote, podendo ser agrupado sob duas perspectivas opostas e concomitantes: uma cooperativa e outra coercitiva.

Na pesquisa, as palavras mais utilizadas para representar o “trote” foram: “brincadeira”, “integração”, “violência”, “acolhimento”, “agressão” e “participação”, entre outras (“exposição”, “gincana”, “obrigação”, “submissão”, “felicidade”, “abuso”, “pegadinha”, “assédio”). As autoras discutem assim, a coexistência desses polos opostos nas mesmas práticas.

Se por um lado, há a perspectiva cooperativa do trote, que o compreende como atividades relacionadas às brincadeiras, felicidade, confraternização, amizade, integração, participação, acolhimento e recepção, por outro, há a perspectiva coercitiva relacionada à violência, agressão, submissão, iniciação e rito de passagem.

Temos, portanto, diferentes interpretações vigentes sobre o fenômeno do trote, no qual a caloura desempenhará algum papel, seja ele positivo ou negativo. Sob uma perspectiva sociológica, a aceitação deste papel, por parte da caloura, se deve ao desejo de incorporar determinada identidade, de participar do meio e de serem socialmente reconhecidas (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Um estudo, realizado com mais de mil estudantes do ensino médio dos Estados Unidos, reforçou a ideia do trote como um fenômeno ambíguo, uma vez que constatou que mais de três quartos das estudantes que participaram da pesquisa relataram

terem sofrido com o trote, e que tiveram consequências diferentes para cada qual, referindo-se aos diferentes tipos de trote.

Algumas pontuaram como implicações negativas a dificuldade em dormir e concentrar-se; a presença de ferimentos; o choro descontrolado por muito tempo; o insulto; a vivência de um colapso emocional, e o sentimento de baixa autoestima. Enquanto outro grupo, ainda que em menor número, relatou experiências positivas como alegria; satisfação e diversão (HOOVER, 2000).

Marin, Araújo e Neto (2008) destacam a importância de uma discussão mais sistematizada acerca do tema “trote”, para garantir que o ingresso em um curso superior seja um momento de alegria e confraternização; e não um ato de violência.

Segundo os autores, o trote passou a ser um rito de passagem fundamentado em um processo psicossocial autoritário que acontece entre calouras e veteranas. O qual tem como desfecho o fortalecimento da educação por meio da dureza, onde a indivíduo que se integra ao grupo deve perpetuar o sofrimento que lhe foi imposto, para que possa exercer seu direito de vingança sobre a caloura que virá no próximo ano (ZUIN, 2002 p.62).

Assim, a sujeita que vivencia a experiência aprende, e depois, convencida de que se trata de uma prática integrativa, a reproduz, não se dando conta de que na realidade, as intenções que fundamentam e legitimam essas ações são pautadas em valores e atitudes, que ratificam o poder e as desigualdades sociais (AKERMÃ; CONCHÃO; BOARETTO, 2014, p.44). Dessa forma, Dearo (2011) afirma que o trote pode ser considerado exclusão, e não integração acadêmica.

O fenômeno do trote violento é realizado de maneira intencional e recorrente pelas agressoras, que reproduzem situações culturais, nas quais abusar da outra é considerado engraçado; motivo de chacota e ridicularização (ALMEIDA JR, 2011 apud COSTA *et al*, 2013). Desencadeando relações agressivas sucessivas de assédio moral; dominação; coação; violência; coerção, e de exercício de poder (MARTINS, 1990).

2.2 A formação em saúde e o trote

Embora a discussão sobre o trote universitário diga respeito ao fenômeno em todas as áreas da educação superior, neste trabalho contextualizamos sua ocorrência e consequências especialmente no âmbito da formação profissional em saúde e, em particular, na dimensão ética deste processo educativo.

O desenvolvimento moral, que é o alicerce para a formação ética, inicia-se ainda nos primeiros convívios da caloura com os cursos de graduação. Há um tipo de currículo oculto, para além do formal, que aborda vivências e exercita valores e desvalores, os quais serão referência para novas estudantes, e que refletirão diretamente sobre suas atitudes; edificação de conhecimentos e competências (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Esse currículo informal se desenvolve concomitantemente ao desenvolvimento da vida acadêmica formal da caloura, durante todo período de sua formação como profissional de saúde (CORTINA, 2003), influenciando as relações sociais no processo de ensino-aprendizagem e a relação professora/aluna, onde a estudante identifica, incorpora e toma para si a cultura social/profissional (FINKLER; CAETANO; RAMOS, 2012). Vinculando-se ao desenvolvimento de atitudes, valores e ideologias.

As relações sociais do trote têm sido relatadas com diferentes influências sobre as novatas segundo Vegini, Ramos e Finkler (2019):

... o fenômeno do trote tem função de compartilhamento de valores, que realizam contribuições positivas no desenvolvimento moral das estudantes por um lado, e de outro, permite a vivência de desvalores que a prejudicam. A submissão das calouras aos papéis predeterminados através das vivências que ocorrem nos trotes dificulta que outros papéis possam ser por elas escolhidos. As autoras apresentam resultados de pesquisa que analisa a questão ética das práticas desenvolvidas nos trotes, assim como o envolvimento e o comprometimento docente, fundamental para as mudanças de paradigmas da formação profissional em saúde.

Costa *et al* (2013), trazem uma importante reflexão acerca das graduandas que estão cursando graduação na área da saúde, e que acabam por naturalizar as hierarquias dentro da vida acadêmica, às quais são incorporadas pelas vivências de violência do trote, contrárias à futura prática profissional, que têm como base a atenção e o cuidado individualizados e humanizados.

Nas estudantes recém chegadas à universidade, é particularmente necessário desenvolver a consciência crítica a respeito das forças sociais maléficas e dos valores de dominação nas relações interpessoais que o trote prega. Negando assim a própria essência da formação em saúde, e reforçando a ideia do autoritarismo, individualismo e relação de poder entre elas (MARTINS, 1999).

Assim, o trote tem um papel danoso na formação ética e no desenvolvimento moral dessas estudantes. Além de prejudicar a relação de ensino-aprendizagem formal dessas acadêmicas, que como futuras profissionais de saúde, terão de ter como uma de suas estratégias de trabalho o acolhimento e a criação do vínculo (FINKLER, 2017).

Práticas que humilham, abusam e degradam, são contrárias à formação em saúde e inclusive, ameaçam a segurança das acadêmicas. A forma naturalizada como o trote é percebido pela instituição de ensino superior deve ser refletida eticamente, afim de romper com a perpetuação de atos bárbaros e com o desrespeito no trote.

Atentar-se para as motivações e a forma como essa tradição do trote se mantém pode contribuir para se pensar em estratégias promotoras de questões que se colocam dentro da dimensão ética e da formação profissional (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

O trote, portanto, é contrário a tudo que a profissional de saúde foi ensinado durante a graduação: o cuidado; a empatia; o protagonismo da indivíduo nas tomadas de decisão; o respeito a sua individualidade; o acolhimento; o importar-se com a outra; e não agredi-la como justificativa de um rito de passagem, que se tornou sinônimo de violência, e que coloca estudantes em situações vulneráveis e de submissão (COSTA, *et al* 2013).

Finkler (2016) se debruça sobre uma importante questão: “Como uma futura profissional da saúde irá exercitar a autonomia e a liberdade das usuárias sendo que as mesmas tiveram como primeira vivência universitária o desrespeito e a submissão?”

Somado a isso, os aspectos negativos absorvidos no trote universitário pelas calouras tendem a se reproduzir com certa frequência na sua prática em saúde, e são apontados inclusive como um problema relevante; tanto na relação profissional-paciente, quanto na relação intra e inter-equipe de saúde. Perpetuando-se uma

relação de poder, permeada pela violência sutil (MARTINS, 1999).

Assim, é importante que o tema do trote universitário seja melhor percebido no meio acadêmico, uma vez que repercute significativamente na formação ética da profissional (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

A formação ética de uma pessoa está relacionada ao desenvolvimento de seu caráter, que se desenvolve por meio dos processos de socialização primária, ainda na infância, e segue ao longo de toda a vida. Por exemplo, durante os processos de socialização secundária, que acontecem durante a formação universitária, aqui descrita como socialização profissional.

Os aspectos e valores da profissão escolhida, e do próprio trabalho em saúde, influenciarão o desenvolvimento moral das futuras profissionais. Sendo que, tanto o currículo formal, quanto o currículo oculto, exercem forte influência no processo de formação (FINKLER; CAETANO; RAMOS, 2012).

O trote, intencional e recorrente, desencadeia relações agressivas de assédio moral, dominação e coação (AKERMAN; CONCHÃO; BOARETTO, 2014). Além de ser um ritual vivenciado de forma ambivalente e marcado por contradições, nas quais a assimetria de gênero parece ter um papel bastante relevante (OLIVEIRA; VILLAS BOAS; LAS HERAS, 2016).

Cada curso de graduação tem suas características e determinadas formas de receber a caloura. Dependendo da “identidade” de cada graduação, e da relação que as alunas desenvolvem com as professoras, a relação de poder e imposição será expressa no ritual do trote por meio de diferentes aspectos (ZUIN, 2002).

Coletivos Feministas surgiram nas universidades com o objetivo de se firmar como um local de discussão sobre opressões e direitos humanos. Eles se colocam como um espaço de denúncias quanto a atitudes machistas, e protegem as alunas de assédios físicos e psicológicos, ocorridos no ambiente acadêmico (FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2017).

Os Coletivos Feministas possuem grande potencial para o desenvolvimento de investigações e discussões sobre a violência de gênero; especialmente, sobre a omissão das instituições de ensino superior em relação ao ritual do trote abusivo.

Deve-se ao papel social dos gêneros à diferença no entendimento do rito do trote. A educação cishetera colonial patriarcal machista racista, imposta pela

sociedade patriarcal em que vivemos, configura o papel masculino como o da virilidade, superioridade, força, competição e supressão de sentimentos e suas formas de expressão, favorecendo à percepção do trote como um rito integrativo, ou como uma brincadeira (WELZER-LANG, 2004 apud MARIN; ARAÚJO; NETO, 2008).

Por outro lado, o fato das mulheres, enxergarem mais frequentemente o trote como um ato inoportuno e violento, está relacionado ao papel que o gênero feminino desempenha nessa mesma sociedade (MARIN; ARAÚJO; NETO, 2008). A qual está frequentemente relacionada à atenção e cuidado; proteção à vida; valorização do afetivo e da intimidade; a gratuidade nas relações interpessoais, e sensibilidade (GIFFIN, 2005).

Almeida e Soares (2003) relatam em sua pesquisa que quando a caloura é inserida na universidade, ela esbarra em uma diversidade de tarefas complexas, quais sejam as relacionadas às tarefas acadêmicas em si (novo sistema de ensino e avaliação, novo *status*, novos ritmos); as relacionadas às questões pessoais (autoconhecimento, responsabilidades, autoestima); as relativas às questões sociais (novas colegas e professoras, possivelmente uma nova cidade, novos padrões de relacionamento com a família, relacionamentos de intimidade); as relativas às questões vocacionais.

Esse novo contexto, iniciado a partir do trote, pode gerar grande insegurança emocional e afetar as experiências universitárias das calouras. Por isso, a realização de práticas humanizadas e de acolhimento já na graduação, tem grande importância e influência sobre os primeiros semestres da nova estudante universitária. Uma vez que contribui para aproximação otimista dessa estudante ao curso e à instituição de ensino (CUNHA; CARRILHO, 2005).

Os vínculos afetivos, a identificação grupal e a busca de integração social são aspectos fundamentais da adaptação da caloura ao novo contexto (BARDAGI; HUTZ, 2012). Knobel (1981) afirma que nesse momento a jovem busca a uniformidade, que proporciona segurança e autoestima pessoal. Do mesmo modo que há o processo de superidentificação em massa e espírito de grupo, que associados às justificativas do trote para entrada e aceitação na instituição de ensino, desencadeiam atitudes paradoxais e excessivas de veteranas para com calouras. A veterana que agiu agressivamente serve como exemplo para as calouras, que aprendem observando, e

podem ainda repetir a ação em outros âmbitos de sua vida. Dessa forma as violências se repetem ano a ano, semestre a semestre, e perpetuam-se.

Calouras se submetem a práticas violentas como se fossem necessárias para fazer parte da vida acadêmica. A possibilidade de poderem ser excluídas caso não se rendam às ordens das veteranas; acompanhada da punição e humilhação, tornam aceitáveis um “mal menor”, do ponto de vista da caloura, essas situações abusivas que ocorrem no trote (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Segundo Ribeiro (1999, p.157), a prática do trote não tem uma razão justificável, porém, é justamente por ser inadmissível, que as veteranas determinam uma data pré estabelecida para se infringir a dor de forma permitida à outra.

Para Costa *et al* (2013), a prática do trote teria um sentido social de “sadismo eventual, mas bem datado; previsto no calendário; promovido de público, e com um certo tom de brincadeira, constituindo um ritual de descarga coletiva, de esconjuramento do horror que todos presenciam.”

Vegini; Ramos; Finkler (2019) afirmam que o trote tem grande potencial de gerar às indivíduos envolvidas conflitos éticos e constrangimentos, especialmente às mais vulneráveis.

É importante portanto, que se reflita a respeito das práticas abusivas, as quais as calouras são submetidas, e que quase sempre objetivam diminuir-las a um aspecto físico ou psicológico, terminando por rotulá-las por meio de perguntas sexistas, invasivas e descontextualizadas; uso de placas com apelidos pejorativos, criados na maior parte das vezes com características pessoais das calouras; práticas de “leilão” que evocam a escravidão; exigência de que peçam dinheiro nos semáforos ou dentro do *campus*.

2.3 Compreendendo o fenômeno mais a fundo

Marin; Araújo; Neto (2008) colocam que as justificativas para a ocorrência do trote são a tradição, a brincadeira e a integração. Já Costa *et al* (2013), afirmam que há também por parte das alunas, o sentimento de “troco”, como motivação para participação no trote. Além da pretensão de se criar o sentimento de pertencimento a um grupo, através da vivência coletiva, pautada nas relações de poder e assédio

moral, entre as que já fazem parte da instituição e as recém ingressadas (OLIVEIRA; VILLAS BOAS; LAS HERAS, 2016).

Vale ressaltar que para que um jogo ou brincadeira seja jogado, e de maneira legítima, é necessário que ambas jogadoras concordem com as regras; e que as normas elaboradas não sejam para o desfrute exclusivo das mais fortes (MARIN; ARAÚJO; NETO, 2008).

Ademais, pensar em “diversão” como argumento pode não ser verdade para aquelas que se encontram em desvantagem – no caso do trote, as calouras. A ideia do “troco”, bem aceita socialmente, caracteriza-se como perpetuação da violência. Uma vez que a oprimida se torna opressora, a humilhada uma vez, recebe o “direito” de humilhar a outra e o ciclo se perpetua (COSTA *et al*, 2013).

Compreender uma das matrizes do trote como relação de poder serve tanto para questioná-lo, como para legitimá-lo, já que há a naturalização da violência como instrumento político que procura manter as sujeitas em suas posições sociais, sem questionamentos. Violência e relações de poder seriam, portanto, colocadas como culturalmente inevitáveis, dando margem à continuidade do rito abusivo no trote (ALMEIDA Jr., 2011 apud COSTA *et al*, 2013).

A indivíduo em grupo é capaz de realizar atos inimagináveis caso se encontrasse sozinha. As personalidades diluem-se, assim como os sentimentos e as ideias de todas, que passam a concentrar-se numa mesma direção, formando uma alma coletiva e criando o sentimento de pertencimento (LE BON, 2000 apud JESUS, 2013).

Segundo Douglas (1994, p.15, apud TOMMASINO; JEOLÁS, 2000) a jovem vem encontrando dificuldade de inserção na sociedade contemporânea em um mundo globalizado:

Sair da comunidade local significa desafiar suas tiranias, deixar pressões por vezes pesadas [...] e perder as velhas proteções. O mercado nos suga para fora de nosso nicho acolhedor, colocando-nos no sistema mundial móvel e, deixando-nos livres, ele deixa-nos expostos. Sentimo-nos vulneráveis.

Daí a necessidade de se pertencer a um grupo. Elas buscam referências, segurança e proteção física inclusive, para garantia de sobrevivência. Formando assim, as gangues e “galeras” (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000).

O momento de introdução da jovem na universidade é marcado por uma

transição, onde estão entrando majoritariamente na maioria, e se desligando da família. Buscam incluir-se nesse novo universo, mesmo que isso custe diferentes e alternativas formas de serem aceitas, submetendo-se então ao trote (AKERMÃ; CONCHÃO; BOARETTO, 2014, p.40).

As sujeitas durante toda sua vida fizeram parte de uma família ou de um grupo, e nesse novo ambiente, por temerem a exclusão, participam dos atos horrendos sem muitos questionamentos. A participação tem como fundamento o sentimento de pertencimento e aceitação por parte de um grupo; e o de posse sobre o espaço da universidade (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019). Por quererem ser aceitas, as jovens se dispõem a aceitar a humilhação; o abuso e a ameaça com a suposição de que assim estarão dividindo experiências e segredos com as que a fazem, criando o falso senso de ligação que tanto procuram.

No entanto, o trote é muito mais destrutivo do que construtivo para as relações humanas, uma vez que dependem de abuso e comportamentos que são autodestrutivos; agressivos; perturbadores e socialmente ofensivos (HOOVER, 2000).

Zuin (2002) exemplifica bem em seu livro, um caso de trote nas calouras de Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no qual as estudantes eram estimuladas pela veterana-líder a gritarem: “Química, chupa!”. Tal “brincadeira abusiva” demarca a sensação de euforia e de pertencimento ao grupo. Uma vez que um novo objeto em comum entre veterana e caloura, as quais tinham tantas diferenças demarcadas, foi escolhido para ser o alvo do sadismo coletivo: as estudantes do curso de Química.

Um estudo realizado em 2016, com estudantes de uma universidade pública portuguesa, reforçou a ideia de Zuin (2002), ao ressaltar uma interessante contradição: a maioria das alunas entrevistadas considera que algumas situações do trote são violentas para as pessoas (60%), porém, apenas 17% pensam que “não devia existir”.

Os resultados revelam, portanto, que embora a maioria participe e não se declare antipraxe, há a adesão condicionada pela recompensa de fazer parte da vida acadêmica simbolizada no direito a vestir o traje, roupa típica nas universidades portuguesas (OLIVEIRA; VILLAS BOAS; LAS HERAS, 2016).

O trote é considerado como um ato de violência, não só pelas estudantes da

universidade portuguesa. Segre (1999) assume que a praxe, sendo consentida ou não, acaba compondo-se como uma violação da autonomia das sujeitas.

Frias (2003) coloca como elemento constitutivo da prática do trote a submissão e humilhação, que é baseada na afirmação das relações de poder entre calouras e veteranas, e sua integração e socialização. Possuindo também um aspecto lúdico, festivo e de transmissão de informações úteis para a vida na academia.

Almeida Jr. (2011 apud Costa *et al* 2013) reflete sobre a “tradição” do trote como um rito de passagem ou um fenômeno psicossocial. Os ritos de iniciação sempre existiram na humanidade, e marcavam a passagem de um *status* a outro. Delimitando direitos; valores sociais; responsabilidades; hierarquia dos clãs e deveres.

Os ritos de passagem demarcam, com clareza, a aquisição de um novo *status* social, pressupondo a assunção de responsabilidades econômicas, civis, conjugais e familiares. Seu aspecto coletivo prepara a sujeita social para viver uma situação nova (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000; ZUIN, 2002).

A força do coletivo é inquestionável e todas devem aceitar suas leis como marcas deixadas nos corpos, para que não se esqueçam de seu lugar, e de seu papel como membros de uma coletividade.

Na sociedade moderna os ritos ainda se mantem institucionalizados através do nascimento de uma criança; do batismo; festas de aniversário; primeira comunhão, e casamentos. As quais aparentemente não tem importância por caracterizarem um "costume". Porém, esses fatos rituais marcam indelevelmente o longo trajeto da criança até à idade adulta, inserindo, em cada uma, os valores da sociedade (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000).

Cabe destacar que a sensação de se sentir integrada ao grupo, por parte daquela que cumpriu todas as etapas do rito de passagem (ZUIN, 2002). O prazer de ser submetida à dor ou a humilhações por suas pares (o que é o caso de todos os rituais de iniciação), advém do orgulho de ser admitida numa "casta superior". E quanto mais pessoas virem, maior será esse prazer (SEGRE, 1999).

No trote como rito, que marca a integração à vida universitária, assim como na transição da adolescência para a vida adulta, percebem-se comportamentos estereotipados, demarcados por violência; humilhação, e dor física e psicológica às novas integrantes, que além de aprender a suportar em silêncio tais atos, sentem-se

afirmadas perante o grupo.

Assim, sentem-se legitimadas pelo grupo a se vingar da dor que tiveram que aprender a reprimir e descontrarão nas próximas novatas. Gerando uma tendência à educação para a disciplina, por meio da dureza.

Esse mecanismo explica por que a aluna ao internalizar a dor em silêncio, por não conseguir expressar sua insatisfação com alguma professora, por exemplo, assim que tem a oportunidade, se vinga desse sentimento de sofrimento que até então não podia manifestar (ADORNO, 1971 apud ZUIN, 2002).

Assim, na esfera da educação, verifica-se que historicamente o processo de dar e receber “cotoveladas”, necessita da debilitação do ego, não só nas classes escolares, como nos ritos de passagem (ZUIN, 2002).

Uma prática bastante comum dentro do universo do trote universitário é a chamada “aula-trote”, em que uma veterana representa o papel da professora perante as novas alunas, que são tratadas por essa de forma arrogante e descabível. As calouras assustadas com o comportamento da professora-veterana, que exige que se saiba ler e escrever em seis idiomas, ou ainda que ordena de forma grosseira que devam permanecer em silêncio durante toda a aula, são surpreendidas após algum tempo, pelas outras veteranas que se encontravam do lado de fora da classe, avisando-lhes de que se tratava de uma aula-trote.

Nesse mesmo momento do trote, as veteranas em meio a risadas, se abraçam e dizem que o mesmo ocorreu com elas. O abraço nesse caso representa com clareza uma identificação entre essas alunas, uma vez que já passaram por essa situação também. Aqui podemos traçar um olhar crítico sobre aula-trote, fazendo um paralelo sobre suas consequências sob currículo formal das estudantes; onde se observam relações tensas entre as alunas e professoras durante toda a vivência acadêmica.

A forma arrogante e prepotente como a veterana-professora se porta é um exemplo disso, assim como a falta de diálogo e o desrespeito (ZUIN, 2011). Logo, a forma como a aluna lida com a ansiedade frente à ameaça sádica da mestre, figura da professora moralmente íntegra, permite a sua própria identificação com aquela que a agride, projetando um ideal de ego, que acaba por prevalecer no desejo de também ser capaz de humilhar a outra (ZUIN, 2002).

Para Almeida Jr. (2011 apud COSTA *et al*, 2013), compreender o trote a partir

de um rito de passagem, apesar de permitir explicações importantes, é insuficiente. Como nossa sociedade se configura a partir de classes sociais, não há sentido em distingui-las com o trote, que resulta em uma ação em que há a formação de um pequeno grupo, e de uma grande quantidade de excluídas. Ou seja, o trote, ao contrário dos ritos de passagem, é fundado na exclusão.

Além disso, a violência presente no trote, ao contrário da existente nos ritos, que visam incluir quem sofre em outro patamar, é resultado de uma construção social – construções ideológicas que alienam as sujeitas e têm por objetivo mantê-las em sua posição social naturalizada e reitificadamente (ALMEIDA JR., 2011 apud COSTA *et al*, 2013)

Se o trote se constitui em um ritual de passagem para pequena parcela das jovens que têm acesso à universidade brasileira, cuja função é receber e prepará-las para uma nova situação social, o papel das veteranas seria o de introduzir as calouras neste universo. Transmitindo informações e apresentando experiências vividas no mundo acadêmico, criando assim espaço para simbolizar o novo *status* social.

Nos trotes, as veteranas perdem de vista este seu papel e exercem sua força e poder através da humilhação (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000).

Ritos são normalmente enxergados como obrigatórios, e por terem um caráter transitório, favorecem sua aceitação por parte das calouras, e permitem todo e qualquer tipo de comportamento, até mesmo os mais brutais (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019; OLIVEIRA; VILLAS BOAS; LAS HERAS, 2016).

Além da violência, outro aspecto bastante importante e presente nos ritos de passagem é a zombaria, que expressa a transgressão e a inversão - formas de ritualizar e explicitar desigualdades (ZUIN, 2002).

O processo de inversão, que também pode ser colocado como processo de carnavalização, se evidencia quando calouras são “pintadas”; “transvestidas” de mendigos, e obrigadas a pedir “esmola”: jovens, de um modo geral, privilegiadas, comportando-se como mendigas, sujas, e submissas à obediência das veteranas, são apresentadas à população como "pobres" e "burras" para serem reconhecidas pela sociedade (RIBEIRO, 1999).

O cabelo raspado e o rosto pintado, nada mais são do que símbolos de reconhecimento social de alguém que obteve sucesso na aprovação do vestibular, e

não são considerados como vestígios de violência, sobretudo quando se trata de violência simbólica (ZUIN, 2011).

As veteranas por sua vez podem, no trote, inverter a situação em que são submetidos na instituição acadêmica (avaliações, prazos e regras) e submeter as calouras às suas normas e demandas. Podendo extrapolar os limites da outra, através de humilhação; vingança, e revanchismo pelo sentimento de sofrimento anteriormente experimentado, através de suas veteranas, para chegar onde estão (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000).

No século XX, “carnavalizar o *status quo*” era um modo de denunciar a injustiça; a desordem, e o errado. Invertendo assim, as posições sociais em que injustiça social era regra; de forma a evidenciá-la como abominação. No entanto, como não se permitia mudar a ordem das coisas, pelo menos as indivíduos podiam dar vazão à raiva; à insatisfação e fazer oposição a isso.

Há, portanto, um ponto em comum entre esses carnavais ocidentais do século passado e os trotes realizados pelas acadêmicas atualmente. A teoria da carnavalização assume que o ser humano não age apenas pelo sadismo. Acredita que, conscientemente ou não, a única forma do ser humano lidar com o horror; com aquilo que ela mesmo internamente tem dificuldade de aceitar, é mediante brincadeiras.

Por exemplo, se ela vai salvar vidas, mas no dia a dia tem que manifestar presença de espírito e frieza, para cuidar de uma enfermidade; ou proceder a uma operação, ela precisa excluir de si a dor enorme que lhe é transmitida; e para tal passa a brincar com isso (RIBEIRO, 1999).

Nietzsche, em a “Genealogia da Moral” (1887), explica que “a antiga e remota história do homem nos ensina que observar alguém sofrer; ou ser castigada, era e é uma alegria; uma vez que a crueldade faz parte da natureza humana.”

Assim, ele assume que o ser humano sente prazer em infligir a dor à outra; ou em vê-la sendo infligida á outra. Defendendo que introspecção é o resultado da supressão dos instintos que não foram exteriorizados. A exemplo disso temos às execuções que eram realizadas em público, e se tornavam espetáculos populares, que ocorriam na França durante a Revolução Francesa.

Para Ribeiro (1999) o espetáculo do sofrimento infligido continua existindo,

porém, não se tem mais a coragem de assumir que sintamos prazer ao ver a dor alheia.

Ele demonstra o fato através da atração que as pessoas sentem ao ouvirem denúncias a respeito de criminosos na televisão, ou outros meios de comunicação; com o prazer associado à narração detalhada de sua crueldade ou da forma como ocorreu a morte.

“A sensibilidade do ser humano, assumida a público, é rousseauista, ou seja, de solidariedade com as desvalidas” (RUSSEAU, 1754 apud RIBEIRO, 1999). Porém, por baixo dela, segue existindo uma sensibilidade de prazer com a dor alheia, que hoje, necessita de boas justificativas para se expressar.

O trote dá continuidade a essas duas antigas tradições: a da carnavalização; e a da dor infligida por prazer. A situação em relação ao trote, portanto, é ambígua: aplica-se o trote sem nenhuma razão justificável; e faz-se sofrer alguém pelo fato de ser nova na academia; ao passo que a menor deveria ser protegida; acolhida pela veterana, e jamais humilhada (RIBEIRO, 1999).

É interessante ressaltar que o trote universitário teve sua realização cada vez mais subordinada a se tornar algo espetacular. Por exemplo, por muitas vezes os próprios pais das alunas exigem e esperam das veteranas que suas filhas tenham os cabelos raspados ou os rostos pintados. Isso pelo fato de que acreditam que suas filhas merecem o reconhecimento, por terem se dedicado tanto a conteúdos que dificilmente as geravam prazer; e terem sido ao final aprovadas no vestibular! Nota-se aí a necessidade de condecoração (ZUIN, 2011).

Hoje é bastante comum que os atos do trote sejam filmados e colocados na rede. O que acaba gerando uma grande quantidade de acessos, e evidencia a competição entre as estudantes pela divulgação das imagens entre si, com o propósito de chamar a atenção e serem vistas.

As cenas mais chocantes são as que detêm o maior número de visualizações: calouras amarradas em uma cadeira vestindo apenas calções; recebendo água gelada nos ouvidos, e sendo obrigadas a gritar que são um bicho. Ou ainda, calouros agarrados à força implorando por socorro, enquanto veteranos aplicam desodorante aerossol em seu pênis.

Com o passar do tempo, essas cenas vão sendo substituídas por outras ainda

mais impactantes. E quanto mais a telespectadora se sensibiliza, mais é exacerbada a dessensibilização. Ao consumirem essas imagens as estudantes têm a sensação de que os fatos não são reais. E apesar de causarem certo desconforto, o número de visualizações seguem aumentando.

Nossa dessensibilização dificilmente é enfraquecida por meio do raciocínio crítico, ainda mais por vivermos na era da educação pela dureza. A violência presente no trote dificulta com que a espectadora o observe criticamente, dentro da história da universidade, ilustrada por relações de poder entre professora-aluna e veterana-caloura.

A confirmação da existência por si mesmas e pelas outras se dá, na sociedade do espetáculo, através da necessidade de impressionar. De tal modo que as praticantes se tornam aquilo que propagam de si mesmas. O medo de ser descoberta desaparece em virtude da necessidade de ser reconhecida como a autora do trote (ZUIN, 2011).

As razões inconscientes pelas quais as sujeitas aceitam participar das práticas, são permeadas por valores como vaidade e competição. Assim como, as motivações da sociedade em manter o *status quo* - a ordem vigente, quando se diz respeito ao trote universitário.

O sofrimento psicológico derivado das supostas brincadeiras e humilhações são mais nítidos, contrariamente à violência moral, que é mascarada pelo trote carregado de tragédias e violências físicas, os quais têm sempre visibilidade na mídia.

Portanto, essas vivências envolvem questões implícitas, que só se tornarão perceptíveis após o aprofundamento teórico pela própria academia acerca do tema.

2.4 Trote violento, trote leve, trote solidário: é coerente qualificar?

O significado da palavra “trote” vem carregado de questões históricas e culturais importantes. É inerente a ele valores e atitudes que corroboram situações de violência, coerção, humilhação e exclusão. Tais vivências marcam desde a violência moral, passando pela psicológica, e chegando à física (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

A violência simbólica é algo fortemente observado nesses atos. Ela tem como característica fazer com que “indivíduos vejam como “natural” as representações ou as ideias sociais dominantes” (VASCONSCELLOS, 2002), ou seja, quem sofre e quem pratica tais atos, com certa frequência, não têm consciência de que estão sofrendo ou exercendo.

Um exemplo de onde está implicada a violência simbólica no ritual do trote universitário é a chamada territorialização. Esse ato consiste em calouras andarem na “posição do elefantinho”, na qual calouras colocam-se de forma enfileirada e abaixadas com as mãos entre as pernas segurando a mão da caloura a sua frente e atrás.

Nesse processo, veteranas na tentativa de sentirem-se e colocarem-se como superiores, exigem que as recém ingressadas repitam frases e movimentos sexistas e sórdidos, legitimando a hierarquia, a sensação de posse de um determinado local, e evidenciando a cultura machista e heteronormativa da nossa sociedade (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Como alternativa às práticas abusivas, pensou-se no chamado “trote solidário”. Essa nova forma de recepcionar as alunas seria através de auxílio àquelas que dificilmente poderão frequentar a faculdade.

Doação de roupas e coleta de alimentos para creches, escolas e asilos, assim como campanhas de doação de sangue para hospitais e centro de saúde são algumas das ações promovidas. Porém a indagação é: “a própria designação da tentativa de substituição do horror, o chamado trote solidário, não seria um fator indicativo desse clima favorável à perpetuação da coerção pedagógica? Pode um trote ser considerado solidário?” (ZUIN, 2002).

Giarolla (1999) entende que “trote solidário” não deve receber esse título, já que “trote” tem como uma de suas principais características a subjugação da outra. O mesmo é válido quando se fala em trote leve e/ou integrador, tendo como efeito a

legitimação do mesmo.

Esse jogo desigual de forças, repleto de opressão e submissão, representa ameaça para as calouras, ainda que ressignifiquem tais atos, alterando sua denominação de “trote” para “recepção” e/ou “trote solidário”. Além disso, as atividades favorecem o acontecimento de diversos conflitos de valores e problemas éticos, que necessitam ser resolvidos (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

Por mais que o “limiar de violência” entre as jovens venha aumentando e o desrespeito; a humilhação, e a invasão do espaço da outra pareçam deixar de ser considerados atos violentos, é importante ressaltar que quando consentidos, deixam de ser assim nomeados, porém, permanecem deixando sequelas físicas e/ou psicológicas (MARTINS, 1999).

As práticas, ainda que renomeadas, podem gerar sofrimento, uma vez que o cerne do “trote” são vivências de submissão, violência e agressão. É importante ressaltar o fato que tal “renomeação não só não contribui para um acolhimento afetivo e efetivo das estudantes; como também burla o regulamento universitário, que proíbe as ações de trotes” (VEGINI; RAMOS; FINKLER, 2019).

A ambiguidade dessas novas denominações para o ritual, demonstra a insuficiência de propostas de incentivo ao repúdio, e à violência física e psíquica nesses atos. Além de instigar a espetacularização da universidade pública, como uma instituição de acolhimento às pessoas que tem o dever de garantir o acesso, permanência e acolhimento, sobretudo daquelas pessoas que constantemente são marginalizadas e vulnerabilizadas pela sociedade.

A transformação do trote solidário em uma espécie de *show* aponta para a crítica de uma sociedade cujo processo de industrialização cultural estimula a conversão de nossos sentimentos mais íntimos em acontecimentos espetaculares. Uma vez que o importante é ser notada; é aparecer de uma forma ou de outra (ZUIN, 2002).

Não existe interesse em se discutir as causas; as razões, e as situações que ocorrem no trote. Na ausência dessa discussão, preferimos implantar qualquer solução temporária ou paliativa, que significará apenas a punição de alguma, e não a prevenção de ocorrências desagradáveis no trote. Assim, se aponta uma culpada, mas nunca se olha para a raiz do problema.

A solução mais simplista é resolver a situação através da assinatura de um

documento, que proíbe o trote nas instituições de ensino. Fato que já foi estabelecido algumas vezes, e resultou em maior violência ainda. O decreto do fim do trote não garante absolutamente nada, porém enquadra com mais facilidade alguns exageros (WARTH, 1999).

2.5 Legislações sobre trote universitário

A prática de acolhimento saudável da caloura recém-chegada na universidade é possível com base em alguns dos princípios estabelecidos na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (1997).

Entre eles, destacam-se o respeito às liberdades fundamentais; a não discriminação e estigmatização em qualquer circunstância, e por fim, mas não menos importante, o princípio da solidariedade entre indivíduos que estão em situações histórico-sociais diferentes – umas apoiando às outras.

Em relação à legislação brasileira, ainda não existe nenhuma Lei Federal que regulamente a prática do trote universitário. A competência para legislar a respeito do tema atualmente é estadual.

Desde 2009 há um Projeto de Emenda Constitucional (PEC), nº 325, que tramita na Câmara dos Deputados, e que objetiva sujeitar a competência desse tema à União, e prevê como contravenção penal a realização do trote vexatório para recepção das novas alunas (BRASIL, 2009).

Com a aprovação da Lei nº 10.454, em 1999, os trotes, passaram a ser proibidos nas escolas superiores e universidades estaduais de São Paulo. Ou seja, quaisquer atos que pudessem promover coação, agressão física, moral ou outra forma de constrangimento, podendo acarretar inclusive, no risco à saúde ou à integridade física das alunas, era considerada ilegal.

As sujeitas que infringessem a presente lei, a partir desse momento, seriam penalizados administrativamente, incluindo expulsão da escola, sem prejuízo dos sanções penais e civis cabíveis (BRASIL, 1999).

Assim, a promulgação de tal lei, fez com que as instâncias universitárias não mais negassem a realidade, e tivessem que encarar, agora com respaldo legislativo, as truculentas formas de receber as alunas.

Desse momento em diante uma importante e significativa mudança ocorreu: os trotes passaram a não mais ser realizados em solo universitário, na ocasião da matrícula, e sim migraram para a casa das estudantes, as chamadas repúblicas universitárias (ZUIN, 2011).

No estado de Santa Catarina, no ano de 2010 foi aprovada a Lei nº 15.431, que dispõe sobre a proibição da realização de trote nos estabelecimentos educacionais públicos e privados, e considera esse como qualquer tipo de conduta que ofenda a integridade física, moral e psicológica das novas estudantes; que importe constrangimento; exponha as pessoas de forma vexatória; ou peçam doação de bens ou dinheiro pelas novas alunas. Além do mais, a não observância das regras dispostas acima podem acarretar em multa no valor de mil a vinte mil reais e suspensão das atividades letivas das alunas no prazo de seis meses a um ano (SANTA CATARINA, 2010).

No ano de 2015, foi aprovada também a Lei Estadual nº 15.892 em São Paulo. A seguinte lei proíbe o trote nas escolas da rede pública em qualquer nível de ensino, inclusive nas faculdades, institutos e universidades. Caso infringida, as responsáveis pelo ato serão sujeitas à expulsão imediata, quando da unidade escolar, e exoneração da função, quando servidora pública (SÃO PAULO, 2015).

A Resolução nº 10/CUn/2000, trata especificamente das punições para as ações de trote que ocorram na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Conforme o artigo 128 desta última, que proíbe às alunas da UFSC toda e qualquer ação de trote:

§ 1º A participação em ações de trote implicará na aplicação da pena de suspensão de até trinta dias, com a consequente proibição de reposição de avaliações e aulas no período correspondente.

§ 2º A participação em ações de trote que causem, a quem quer que seja, coação ou agressão física, moral ou qualquer outra forma de constrangimento, ou resulte em atos lesivos à propriedade, sujeitará o aluno à penalidade de suspensão superior a trinta dias, com a consequente proibição de reposição de avaliações e aulas no período correspondente, ou de eliminação (desligamento) do corpo discente da Universidade.

§ 3º A proibição estabelecida neste artigo estender-se-á às ações praticadas fora do Campus Universitário.

Refletir a respeito do trote como um desdobramento não desejável de um rito de passagem, principalmente quando esse é reflexo da nossa própria sociedade e

cultura, é urgente e necessário. Proibí-lo seria o mesmo que eliminar apenas a superfície ou o sintoma de algo muito mais sério e profundo: a violência estrutural na nossa sociedade, que gera múltiplas formas de exclusão e marginalização no seu processo de desenvolvimento (TOMMASINO; JEOLÁS, 2000).

Ter uma lei anti-trote não impede que ele aconteça e quase não tem diferença significativa no nível de comportamento das que praticam o ato (HOOVER, 2000). Decretar a proibição deste não se faz suficiente, ainda mais quando se reflete sobre o fato de que o mínimo moral que a sociedade deveria respeitar e não o faz, são as leis.

A partir daqui, tem-se um grande desafio: “fomentar a reflexão crítica, coletiva e dialógica compromissada com a intervenção - uma missão verdadeiramente ético-político-pedagógica” (VEGINI; RAMOS, FINKLER, 2019, p.12).

2.6 Panorama atual e recomendações

A cultura do trote e o fenômeno em si ainda são uma questão importante. Existe uma enorme indústria de entretenimento, principalmente na América, que comercializa a violência para a juventude como sendo algo “divertido”.

Como sociedade, investimos bilhões em vendas de experiências dolorosas sob o rótulo de “diversão”, cultivando esse tipo de repertório nas jovens.

Hoover (1999) demonstra como os jogos de vídeo *game*, muito relacionados a agressividade e delinquência, geram nessas indivíduos a identificação com a agressora e a vontade de participar ativamente de atos violentos.

O *hazing*, como o trote é conhecido nos Estados Unidos, também é uma tradição constante e entenhada na sociedade americana, refletindo-se no modo de vida e não mais como um rito de passagem.

Nos Estados Unidos, esses ritos são perpetuados para além da ingresso na universidade. É comum que alunas do ensino médio sejam submetidos ao trote para a entrada em times esportivos; para grupos de arte, música ou teatro; e ainda para grupos de igreja.

É interessante observar que lá as alunas envolvidas com o atletismo são as mais prejudicadas, o que não acontece no Brasil. Comparando as atletas estadunidenses

do ensino médio, com atletas estadunidenses universitárias é evidente a persistência aproximadamente no mesmo nível de violência no trote (HOOVER, 2000).

É sabido que cursos que exigem mais dedicação; horas de concentração e sacrifícios diante dos livros e apostilas por parte das alunas, são os que têm os trotes mais violentos. Assim, o desejo de expor publicamente os sinais de aprovação é exacerbado, como se merecessem um grande reconhecimento pela memorização de conteúdos, na maior parte das vezes desprazerosos através de muita disciplina e força de vontade.

Ainda, se tal aprovação se refere a um curso de uma universidade Federal ou Estadual e de uma profissão socialmente valorizada, como a Medicina, o Direito e a Engenharia, o nível opressivo do trote parece ser ainda mais acentuado.

A exemplo disso, as alunas de cursos e universidades não tão valorizados academicamente, as quais até há alguns anos não realizavam o “pedágio” nas esquinas das ruas de suas cidades, com o objetivo de arrecadar dinheiro para as veteranas, assim como não utilizavam a denominação “bixo burra” estampada na testa de suas calouras (ZUIN, 2011).

Apesar da sociedade ter mudado com o passar do tempo, e junto dela a velocidade de geração e acesso às informações, e desenvolvimento de novas tecnologias; a forma de receber as novas alunas continua muito semelhante ao dos tempos medievais (MARIN; ARAÚJO; NETO, 2008).

As indivíduos em situação de vulnerabilidade são as que têm maior tendência em desenvolver desequilíbrios e sentirem-se constrangidas durante o rito do trote, gerando conflitos éticos por se tratar de um fenômeno violento, humilhante e intimidador. A estudante deve ter sua liberdade individual respeitada e incentivada na tomada de decisão (COSTA *et al*, 2013).

A autonomia e a liberdade das estudantes sobre elas mesmas devem ser valorizadas. É relevante entender e conscientizar a aluna de que somente as envolvidas no processo poderão mudar essa cultura, e ainda, que elas têm escolhas, e que não há problema em recusar a participação no rito (HOOVER, 2000).

A universidade pode ter um papel positivo nesse sentido, através do desenvolvimento de ações diferenciadas, por exemplo: projetando mensagens de prevenção à violência e destacando as normas de comportamento a serem

exploradas e adotadas no contexto universitário.

A universidade também deve promover discussões éticas em prol do respeito à cidadã, considerando que se respeitadas as liberdades individuais, e se protegendo as mais vulneráveis, a entrada na universidade pode se tornar um momento de diversão, que atraia solidariedade entre as participantes do trote (COSTA *et al*, 2013).

Albanaes *et al* (2014) apontam que as instâncias de gestão da universidade têm pouca informação sobre o que acontece em cada centro ou unidade de ensino. A falta de comunicação entre os cursos; a direção, e as alunas, é um problema que faz com que não se saiba o que está se passando fora daquele espaço específico.

A necessidade de planejamento conjunto e integrado destas atividades de acolhimento poderia evitar eventuais sobreposições de ações, além de otimizar tempo e recursos. Ampliando também a adesão das participantes, e minimizando as dificuldades de operacionalização.

Um estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, pelo grupo de pesquisa de Albanaes *et al.* (2014), teve como objetivo criar e sugerir diferentes tipos de atividades de acolhimento a partir da aplicação de um questionário *online*. As sugestões mais frequentes foram: atividades curriculares de integração (disciplinas introdutórias); recepção às alunas ingressantes pela direção ou coordenação; atividades sociais (festas, encontros); atividades culturais; palestras informativas; distribuição de material informativo sobre a universidade e/ou curso; processo de mentoria e/ou apadrinhamento das calouras; atividades que congregam o grupo de alunas ingressantes e as professoras das disciplinas do primeiro semestre do curso; acompanhamento de monitoria; apresentação e entrevistas com pessoas chave do curso no contexto da formação das estudantes; exposição de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelas professoras; visita a diferentes espaços da instituição; oficinas; gincanas; rodas de conversas e debates voltados às problemáticas referentes aos cursos; e almoço de confraternização.

Nessa mesma pesquisa, disciplinas introdutórias tiveram grande destaque e foram bastante citadas quando diz respeito a estratégia de base para adaptação das estudantes, bem como apresentação dos projetos de pesquisa e extensão, e a integração da caloura com professoras, aproximando a aluna não apenas da vida universitária como também da carreira escolhida.

As discussões contemporâneas acerca das experiências universitárias são bastante relevantes, principalmente para o planejamento de ações voltadas para a adaptação da estudante ao nível superior, como: satisfação acadêmica; envolvimento em atividades formais e informais, e sentimento de pertencimento à instituição.

Tais práticas poderiam capacitar a estudante a lidar melhor com o novo contexto social e acadêmico. Assim como a implementação dessas ações efetivas de acolhimento poderia auxiliar na adaptação e permanência das estudantes nas instituições universitárias (ALBANAES *et al*, 2014).

Mudanças drásticas na cultura e na educação também são de grande valia, para que a perpetuação de tais atos violentos no trote sejam diminuídos. Valorizando assim, a civilidade; a igualdade, e o respeito pela próxima.

Atividades positivas sobre as consequências do trote, implementadas por instâncias superiores da educação; ou grandes líderes de grupos estudantis, e/ou familiares, podem fornecer informações importantes sobre os perigos de perda de civilidade no rito do trote; além de promover discussões a respeito do tema nas escolas; cursos pré-vestibulares e universidades. Contribuindo assim, com o desenvolvimento de ações educativas sobre a iniciação positiva de alunas dentro da academia. Essas são medidas necessárias e urgentes (HOOVER, 2000).

Albanaes *et al* (2014), sugere que seja realizado um mapeamento de ações para promoção de estratégias mais eficazes, adotadas pelas diversas instituições de Ensino Superior Brasileiras, visando a satisfação e permanência das alunas nas mesmas.

Nesse sentido, a autora sugere que sejam realizados levantamentos para identificar similaridades e peculiaridades entre essas estudantes. Para que, em um próximo passo, a avaliação de eficácia dessas atividades de acolhimento seja implementada.

Há a necessidade de sistematização de estudos acerca do trote, principalmente devido à dificuldade encontrada pelas instituições de ensino superior, em implementar propostas de acolhimento às alunas. Além de buscar minimizar os efeitos negativos do trote sobre a falta de informações, por parte das alunas de cada curso superior, sobre as atividades gerais desenvolvidas na universidade; e a falta de comunicação interna entre coordenação dos cursos e os Centros Acadêmicos (ALBANAES *et al*,

2014).

Não se pode enxergar o trote como mero excesso, deixando de olhar cuidadosamente para todas as insuficiências que existem na formação das estudantes; assim como na administração dos cursos, aqui especificamente os da área da saúde.

Cabe destacar também que os cursos superiores, devem refletir sobre alterações curriculares formais e informais, visando atingir uma formação teórica e prática mais humanizada de suas profissionais. Assim como os Conselhos de cada profissão, devem pensar em lidar com a desumanização (RIBEIRO, 1999).

A sociedade naturalizou o trote como uma tradição “sacramentada”, que não é amplamente pesquisada e discutida, tornando-se tabu. Prova disso é que são as raras discussões e iniciativas acerca do tema, as quais acontecem apenas quando acidentes brutais ocorrido(s) no(s) trote(s) são divulgados pela mídia, sendo costumeiramente logo esquecidos.

A este cenário soma-se ainda a dificuldade em encontrar artigos científicos e livros referentes ao tema, reforçando a necessidade de a academia investigá-lo enquanto fenômeno social.

Por fim, há que se ter a esperança de que a universidade e seus agentes reflitam e façam uma autocrítica a cerca da violência que permeia as relações na vida universitária (ZUIN, 2011).

3 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Construir material audiovisual educativo capaz de promover a conscientização sobre a cultura do trote, fomentando reflexões sobre a necessidade de engajamento na transformação desta prática social.

Objetivos Específicos

- ✓ Conhecer o fenômeno do trote no contexto nacional e internacional;
- ✓ Entender as possíveis influências do trote na formação universitária e, em particular, na formação em saúde;
- ✓ Elaborar argumentos apropriados que sensibilizem e estimulem à reflexão crítica de docentes e discentes – calouras e veteranas;
- ✓ Criar e disponibilizar à instituição universitária e à sociedade a composição de imagens e sons capazes potencializar o efeito dos argumentos elaborados.

4 MÉTODO

4.1 Etapas de construção do material educativo

Revisão de literatura: levantamento das publicações científicas sobre o tema “trote universitário” e, mais especificamente, a relação desse com a formação profissional em saúde. Esta etapa consistiu no estudo da pesquisadora, por meio do qual foi elaborando e organizando ideias sobre o objeto de estudo em foco.

Levantamento dos argumentos-chave: a partir da revisão de literatura foram selecionados os principais e imprescindíveis aspectos sobre o trote, em relação a sua origem; definição; influência na formação em saúde; questões na relação entre veterana e caloura; motivações do fenômeno e recomendações de pesquisadoras, a fim de que os mesmos fossem contemplados como argumentos-chave na elaboração do roteiro do vídeo.

Produção do roteiro: com os fundamentos desenvolvidos, o roteiro do vídeo foi produzido levando-se em conta a ordem em que os argumentos-chave foram apresentados e, também, pensando-se em estratégias de atração do público-alvo: estudantes e comunidade acadêmica.

Desenvolvimento do texto usado como base para vídeo: com a sequência dos argumentos definida, foi redigido o guia do texto, utilizado como base para a criação do vídeo.

Produção audiovisual do vídeo: a partir do roteiro elaborado pela autora, o vídeo foi produzido por um Designer Gráfico contratado, empregando-se imagens e sons para que se criassem as animações com base no roteiro estabelecido. A primeira versão foi avaliada pela orientadora que elencou aspectos a serem melhorados, gerando assim uma segunda versão do material.

Aperfeiçoamento do vídeo: a segunda versão do vídeo foi apresentada a duas professoras de graduação do Centro de Ciências da Saúde/UFSC e a quatro estudantes de odontologia. Desses, duas alunas matriculadas nos anos iniciais e as outras duas, nos anos finais da graduação.

Tal etapa teve como objetivo receber sugestões e opiniões para refinamento do conteúdo.

No apêndice B apresenta-se uma síntese desta etapa de aperfeiçoamento do material a partir do feedback recebido destas colaboradoras.

Finalização da edição: com base na etapa anterior, o vídeo foi reeditado e teve sua versão final apresentada para banca de TCC.

Sugestões da banca para aprimoramento do vídeo: após a avaliação da banca de TCC, o vídeo poderá sofrer alguma alteração recomendada, e então, sua versão final será salva e divulgada.

Tradução para inglês e castelhano: visando maior alcance, foram produzidas duas novas versões do vídeo, uma na língua inglesa, e na outra na língua castelhana. Com o auxílio de profissionais o roteiro original foi traduzido, assim como a locução elaborada por nativas.

Publicação *online* do vídeo: o conteúdo será disponibilizado nos três idiomas na plataforma Youtube®.

Encaminhamentos finais: pretende-se destinar o vídeo ao Colegiado de Ensino do CCS/UFSC e para a Secretaria de Ações Afirmativas da UFSC, com o objetivo de disponibilizá-lo a toda comunidade acadêmica.

4.2 Aspectos éticos

Entre os aspectos éticos do trabalho desenvolvido, cabe registrar que:

- Não foram utilizadas fotos e filmagens reais para evitar qualquer possibilidade de constrangimento;
- A versão final do vídeo conterá a referência bibliográfica deste TCC para que qualquer informação apresentada possa ser localizada pela expectadora no trabalho que estará disponível online via website da BU-UFSC;
- A opinião das estudantes e professoras durante o período de refinamento do material não foi considerada como uma coleta de dados, mas tão somente como uma colaboração espontânea para a qualificação do material produzido com base na revisão da literatura.

5 RESULTADO

As três versões do vídeo foram disponibilizadas no site Youtube® no canal do NUPEBISC/UFSC, podendo ser acessados pelos seguintes links:

- Um iceberg chamado trote universitário: integração, violência e outras ambigüidades na universidade: <https://www.youtube.com/watch?v=981LRXgP6tM>;



- An iceberg called hazing: integration, violence and other ambiguities at the university: https://www.youtube.com/watch?v=WtllSd_KHR4



- Un iceberg llamado novatadas: integración, violencia y otras ambigüidades en la universidad: <https://www.youtube.com/watch?v=ImB-XRnQ470>



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da necessidade de reflexão sobre a dimensão ética da educação profissional em saúde. Mais especificamente debruçando o olhar sobre como o fenômeno do trote participa desse processo educativo.

Tal reflexão vem sendo fomentada por e derivada de uma linha de pesquisa em desenvolvimento no Núcleo de Pesquisa em Bioética e Saúde Coletiva (NUPEBISC) da UFSC há cerca de uma década.

Os estudos realizados anteriormente por Finkler; Ramos e Caetano (2012); Finkler e Ramos (2017), e Vegini; Ramos e Finkler (2019) demonstram a importância do tema ganhar visibilidade e ser problematizado, especialmente entre as futuras profissionais de saúde, por conta de suas influências na dimensão ética da formação profissional.

Este TCC buscou criar uma estratégia que fosse capaz de cumprir tal demanda. A elaboração do vídeo foi inteiramente desenvolvida na perspectiva de auxiliar as pesquisas acadêmicas formais a atingir seus objetivos. Dessa forma, o vídeo busca chamar atenção do público alvo para o tema do trote, utilizando uma linguagem que lhes é acessível.

A revisão da literatura sobre o trote foi uma etapa muito rica e evidenciou a necessidade de maximizar os resultados das pesquisas a partir do alcance de seu público alvo, quais sejam: as estudantes e pesquisadoras.

O presente TCC foi desenvolvido a partir de tais necessidades. Ele representa o desejo de que uma intervenção efetiva possa surtir resultados sob os comportamentos abusivos observados no trote. Além de buscar impactar na transformação dessa realidade, a partir da “translação do conhecimento” formal, produzido pelas pesquisas acadêmicas, do acesso à informação de uma forma efetiva e atual (PESSÔA, 2014).

O intuito maior desse TCC é a disseminação do vídeo educativo através das mídias sociais, na perspectiva de translação do conhecimento apresentada por Pessoa (2014). Espera-se levar a problematização sobre trote para as salas de aulas; para as festas das alunas; para os colegiados; centros acadêmicos; professoras, e comunidade acadêmica de forma geral; bem como para a sociedade

como um todo.

A produção do vídeo educativo como trabalho final de curso foi um feito inédito no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC. E representou algo completamente diferente do usual, por esse motivo configurou-se como um grande desafio, o qual encerro com imenso prazer e vontade de prosseguir em meus estudos.

A elaboração e produção do conteúdo final foi instigante e complexa, principalmente porque havia um grande desejo de que a temática fosse retratada de forma interessante, envolvente e inspiradora para o público alvo.

Houve uma certa limitação no que se diz respeito a elaboração do projeto artístico do referido trabalho. A tentativa de parceria com um professor da disciplina do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para nos orientar nesse sentido não progrediu, porém ainda assim se buscou seu desenvolvimento, optando pela contratação de um profissional especializado na área, visando diminuir os danos e valorizar o conteúdo.

Esse trabalho, não só me permitiu aprender sobre como é estar no meio acadêmico e científico; mas também me ensinou muito sobre síntese, responsabilidade, prazos, diálogo, troca e organização. Finalizo, então, de uma forma totalmente distinta da que iniciei. Considero hoje o tema “trote universitário” ainda mais importante do que no início do processo.

Essa pesquisa contribuiu para minha formação, não só como pesquisadora e futura profissional da área da saúde, mas, principalmente, como ser humano privilegiado diante da sociedade em que vivo. Hoje tenho propósitos mais claros e firmes sobre ser e fazer a diferença no mundo.

Tenho certeza que com o desejo que me move, me empenharei com afinco para que esse vídeo seja utilizado pela academia; pela Universidade Federal de Santa Catarina; pelas estudantes, e por outras instituições. Espero que ele contribua efetivamente para a sensibilização, reflexão e criação de uma nova cultura sobre o trote.

Que seja uma construção válida, e que interfira positivamente na vida de cada uma - afinal, esse trabalho foi elaborado dentro de uma universidade pública, com recursos públicos, e nada mais justo do que transmitir isso a sociedade. Esse é o início

de um processo longo e necessário, do qual estou disposta e orgulhosa em fazer parte.

Ainda que o fenômeno esteja constituído como uma prática que ocorre dentro da universidade, é importante que nós o observemos como uma materialização das relações de poder e formas de vínculo que acontecem na sociedade/realidades fora do *campus*.

O que tem de vir conosco das vivências passadas é o potencial transformador que elas carregam. Não levamos delas apenas a história, e sim o seu produto. E a vivência só terá um produto, se de fato tiver havido um encontro, se realmente mergulharmos nela por inteiro – e eu estou submersa!

REFERÊNCIAS

AKERMAN, Marco; CONCHÃO, Silmara; BOARETTO, Roberta. **“Bulindo” com a universidade**: um estudo sobre o trote na medicina. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

ALBANAES, P. *et al.* Do Trote à Mentoria: Levantamento das Possibilidades de Acolhimento ao Estudante Universitário. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.15, n. 2, p. 143-152, 2014

ALMEIDA, Leandro; SOARES, Ana. Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLIDORO, A. J., **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral, 2004, p. 15-40.

BADARGI, Marucia; HUTZ, Claudio. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária, Porto Alegre: **Psico PUCRS**, v.43, p.174-184, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a proibição de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores, e dá outras providências. São Paulo, SP, 21 dez. 1999. p. 3. Disponível em: < <https://www.al.sp.gov.br/norma/8735/>>. Acesso em: 13 de abr. de 2019.

BRASIL. Lei nº 15.431, de 28 dezembro de 2010. Proíbe a realização de trotes nos estabelecimentos educacionais públicos estaduais e privados e adota outras providências. Florianópolis-SC, Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=175614>>. Acesso em: 28 de abr. 2019.

BRASIL. Lei nº 15.892, de 16 setembro de 2015. Proíbe o trote nas escolas da rede pública em qualquer nível de ensino. São Paulo, SP, 15 set. 2015. Disponível em: < <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=175614>>. Acesso em: 13 de abr. 2019.

COLTRO, Marcelo. Trote e cidadania. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v.3, n.5 p. 135-6, 1999.

CUNHA, Simone; CARRILHO, Denise. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. **Psicologia Escolar Educacional**, RJ, V. 9, p. 215-224, 2005.

CORTINA, Adela. **O fazer ético**: guia para a educação moral. São Paulo: Moderna, 2003.

COSTA, S. *et al.* Trote universitário: diversão ou constrangimento entre acadêmicos da saúde. **Bioética**, Brasília, V.21, n.2, p.350-8, 2013.

DEARO, Guilherme. **Trote é exclusão, não integração**. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/trote-exclusao-naointegracao-diz-professor-usp-619019.shtml>> Acesso 9 mar. 2019.

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Cartilha coletivos feministas em escolas**, 2017. Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/ddd/wp-content/uploads/2017/01/Grupo-B_Matutino_Cartilha-Coletivos-Feministas-em-Escolas.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FINKLER, Mirelle.; CAETANO, João Carlos; RAMOS, Flávia. O cuidado ético-pedagógico no processo de socialização profissional: por uma formação ética. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, V.16, n.43, p.981-93, 2012.

FINKLER, Mirelle. Formação profissional e/ou educação universitária: de onde viemos, para onde vamos? **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, V.21, n.61, p. 465-8, 2017.

FRIAS, Aníbal. Praxe acadêmica e culturas universitárias em Coimbra: lógicas tradições e dinâmicas identitárias, **Crítica de Ciências Sociais**, V. 66, p. 81-116, 2003.

GIAROLA, Luis Carlos. Trote na universidade. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, V.3, n.5 p. 127-8, 1999.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciências & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, V.10, p. 47-57, 2005.

HOOVER, Nadine C; POLLARD, Norman J. **High school, hazing: final report**, 2000. Disponível em:< https://www.alfred.edu/about/news/studies/_docs/hazing-study.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

JESUS, Jaqueline. Psicologia das massas: contextos e desafios brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Brasília, V. 25(3), p. 493-503, 2013.

KNOBEL, Mauricio. **A adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. cap. 2. p. 24-62.

MARIN, Juliana Cristina; ARAÚJO, Daniela; NETO, José. O trote em uma faculdade de medicina: uma análise de seus excessos e influências socioeconômicas. **RBEM**, São Paulo, 2008, V. 32, n. 4, p. 474 – 98.

MARTINS, Sueli. Sobre trote e violência. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v.3, n.5 p. 129-30, 1999.

MATTOSO, Glauco. **O calvário dos carecas**: história do trote estudantil. São Paulo: EMW, p. 17, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para a genealogia da moral**: uma polêmica, 1887.

NOTÍCIAS UFSC. **Administração central emite comunicado sobre o trote**. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2013/03/administracao-central-emite-comunicado-sobre-o-trote/#more-78239>> Acesso em: 30 de Mai. 2019.

OLIVEIRA, Catarina; VILLAS BOAS, Susana; LAS HERAS, Soledad. Assédio no ritual da praxe acadêmica numa universidade pública portuguesa. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 80, p. 49-67, 2016.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos**. Paris: Unesco; 1997 Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf>.> Acesso em: 16 de abr. 2019.

PESSÔA, Luisa Regina. **Translação do conhecimento em saúde pública: iniciativas da Fiocruz**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/PDTSP/VPPLR, 2014. 1 vídeo (08 min 30s). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17883>> Acesso em: 29 de Jun. 2020

RIBEIRO, Renato. O trote como sintoma. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, V.3, n.5 p. 153-160, 1999.

SEGRE, Marco. Trote violento contra calouros universitários. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, V.3, n.5 p. 121-122, 1999.

SCORTEGAGNA, H. ALVAREZ, A.M. O cuidado permeando as ações educativas com vistas a um viver-envelhecer qualificado. In: SOUSA, F.G.M.; KOERISCH, M.S. (Orgs.). **Cuidar-cuidado: reflexões contemporâneas**. Florianópolis: Papa-livro, 2008. p.77-90.

TOMASSINO, Kimyie; JEOLÁS, Leila. O trote como um ritual de passagem: o universal e o particular. **Mediações**, Londrina, V. 5, n.2, pg 29-49, 2000.

VASCONSCELLOS, Maria. **Pierre bourdieu: a herança sociológica**. Educação & Sociedade, Campinas, v.23, n. 78, p. 77-87, 2002.

VEGINI, Neusa; RAMOS, F.R.S.; FINKLER, Mirelle. Representações sociais do trote universitário: uma reflexão ética necessária. **Texto & Contexto Enferm**, Florianópolis, v.28, p.1-14, 2019.

WARTH, Maria. Trote, tradição e violência. **Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v.3, n.5 p. 111- 118, 1999.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação**. São Paulo: Questões da Nossa Época, v.93, 2002.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **O Trote Universitário como Violência Espetacular**. Educação e Realidade, Porto Alegre, V. 36, n. 2, p. 587-604, 2011.

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ODONTOLOGIA
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ODONTOLOGIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao 20º dia do mês de julho de 2020, às 10 horas, em sessão pública pelo link <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/tcc-do-curso-de-graduacao-em-odontologia-ufsc>, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mirelle Finkler e pelos examinadores - Profª. Drª. Glaucia Zimmermann e Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti-Pires, a aluna Manuela Vilela Azevedo Silva Cotrim apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado “Buscando transformar a cultura do trote universitário: a construção de um vídeo educativo” como requisito curricular indispensável à aprovação na Disciplina de Defesa do TCC e a integralização do Curso de Graduação em Odontologia. A Banca Examinadora, após reunião em sessão reservada, deliberou e decidiu pela aprovação do referido Trabalho de Conclusão do Curso, divulgando o resultado formalmente ao aluno e aos demais presentes, e eu, na qualidade de presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais componentes da Banca Examinadora e pela aluna orientada.



Documento assinado digitalmente
Mirelle Finkler
Data: 21/07/2020 11:01:03-0300
CPF: 004.461.199-46

Presidenta da Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
Glaucia Santos Zimmermann
Data: 21/07/2020 12:28:50-0300
CPF: 806.430.869-00

Examinadora 1



Documento assinado digitalmente
Rodrigo Otavio Moretti Pires
Data: 21/07/2020 13:23:31-0300
CPF: 264.986.708-60

Examinador 2



Documento assinado digitalmente
Manuela Vilela Azevedo Silva Cotrim
Data: 24/07/2020 12:51:20-0300
CPF: 409.411.818-71

Aluna

APÊNDICE A – ROTEIRO DO VÍDEO

Título

“Um iceberg chamado trote: Integração, violência e outras ambiguidades na universidade.”

Parte 1

Quando falamos "trote" o que vem à sua mente?

Quem sabe você se lembra de uma ligação telefônica?

De cavalos adestrados, andando ordenadamente em um mesmo ritmo?

Ou então dos primeiros dias de universidade, dos apelidos, da sujeira e das brincadeiras de gosto... duvidoso?

Parte 2

O trote universitário começou na idade média com o objetivo de prevenir doenças.

Nessa época os candidatos (do latim *candidatum*, ou seja, “branco”, “puro”) à universidade tinham seus cabelos raspados, suas roupas queimadas e salas de aula separadas das dos veteranos.

Tudo para que as enfermidades não fossem disseminadas no ambiente acadêmico, que dava um status social aos seus frequentadores.

Parte 3

Foi um pouco mais à frente, nas universidades alemãs, que esse cenário se transformou e o trato com os calouros assumiu práticas sadomasoquistas e violentas.

Os novos alunos começaram a ser rotulados como animais irracionais que precisavam ser domesticados pelos veteranos, por isso da palavra “trote”, criando uma perfeita analogia entre o animal que trota e o comportamento do calouro, que precisa ser adestrado e aprender a manter esse mesmo ritmo fixo e ordenado.

Iniciou-se então a ideia de que os calouros deveriam passar por uma bateria

de testes e provocações para terem o "direito" de participar da vida universitária.

Parte 4

É fato que existe uma ambiguidade na “representação social” do trote, ou seja, no modo como as pessoas compreendem essas práticas. Ao mesmo tempo em que são consideradas vivências cooperativas, são também entendidas como experiências de sofrimento. Se por um lado se tem o caráter da “brincadeira”, da “integração” e da “diversão” que busca acolher o calouro, do outro se tem o da “violência”, da “obrigação”, do “abuso” e do “assédio”.

Assim, o trote universitário pode ser comparado a um iceberg, que deixa visível apenas sua menor parte, enquanto a maior e mais perigosa, segue escondida. Mas então, o que está escondido no trote?

1. O sofrimento psicológico derivado da humilhação decorrente das supostas brincadeiras, frequentemente invasivas e com forte conteúdo sexista e racista. Desta forma, reforçam a assimetria de gênero e desigualdades sociais, perpetuando preconceitos e relações de poder.
2. A violência cotidiana das práticas de trote, até porque a mídia dá visibilidade ao trote chamado violento, caracterizado por violências físicas e tragédias. Assim, toda violência moral que perpassa o trote fica mascarada, como se não fosse importante.
3. As razões subjetivas pelas quais os sujeitos aceitam participar. Qual a diversão em ficar sujo nas ruas da cidade, pedindo dinheiro para a festa dos veteranos? Qual a graça em submeter colegas a situações vexatórias? Quais as motivações psicológicas de calouros e veteranos para dar continuidade a esses ritos?
4. As razões coletivas pelos quais a sociedade mantém o trote. É do seu interesse manter uma tradição que reforça a hierarquização social com base no saber-poder? Ou seja, quem sabe mais, manda, e quem sabe menos, obedece. Não seria a universidade justamente o local para se questionar a manutenção do status quo? Da ordem social vigente?

Parte 5

Mas como um profissional da saúde vai realizar os valores essenciais da sua profissão, que deve ser baseada em respeito, cuidado e empatia, se sua vivência universitária já reforça desvalores como o desrespeito, humilhação e submissão?

A formação ética do estudante acontece especialmente em situações como essa, em que o “currículo oculto” tem forte influência sobre as atitudes do futuro profissional.

Parte 6

Como alternativa ao trote tradicional foi criado o chamado trote solidário, que nada mais é do que uma forma de recepcionar os alunos através de reuniões e/ou gincanas para arrecadação de roupas, alimentos, ou ainda campanhas de doação de sangue.

Mas, pode um trote ser considerado solidário, se esse termo tem como principal característica a subjugação do outro? Adianta acrescentarmos um adjetivo moderador a esse fenômeno social, carregado de questões históricas e culturais ou estaríamos apenas legitimando sua violência?

Parte 7

Ainda que renomeadas, seja por trote solidário, leve ou integrador, essas atividades favorecem o acontecimento de diversos conflitos morais e problemas éticos que precisam ser encarados.

Olhar de frente para o tamanho real desse “iceberg” é o primeiro passo para a transformação da nossa cultura de violência acadêmica e social.

Parte 8

O debate sobre o trote não existe só para questionar comportamentos individuais. São necessárias mudanças sociais significativas para que a civilidade seja promovida, pelo respeito aos valores da igualdade e da dignidade humana.

Para isso acontecer, a universidade e todos que dela participam devem fomentar o diálogo coletivo e a reflexão crítica sobre essa tradicional prática. A sociedade como um todo é corresponsável e pode ter um papel ativo, visibilizando e problematizando o tema. Compreender que o vestibular é uma estratégia de exclusão social do direito à educação pode ser um caminho para um reposicionamento frente ao trote universitário.

Você já tinha pensado sobre o trote a partir dessa perspectiva?

Como isso te afeta?

O que você poderia fazer a respeito?

APÊNDICE B – SUGESTÕES PARA O APERFEIÇOAMENTO DO VÍDEO

	Sugestões	Alterações realizadas
Aluno 1	Propôs 1- que o vídeo finalizasse com mais questionamentos, não necessariamente propostas e soluções para o trote, mas indagações que levassem o telespectador a refletir e problematizar a temática; 2- exibição na recepção dos calouros dos diversos cursos de graduação, não apenas os da saúde.	Foram acrescentados questionamentos ao final do vídeo. O conteúdo será encaminhado para a Secretaria de Ações Afirmativas da UFSC para que possa ser disponibilizado amplamente a toda a comunidade acadêmica.
Aluno 2	Ressaltou a importância de explicar o significado dos termos “currículo oculto”, “assimetria de gênero” e “violência moral”, para que o telespectador possa compreender em sua totalidade o conteúdo audiovisual.	Os termos mencionados foram definidos com a inclusão de pequenas frases *
Aluno 3	Sinalizou a falta de propostas e soluções concisas para o fenômeno ao final do vídeo; No momento de apresentação dos 4 argumentos-chave (minuto 1:45) sugeriu que a cena fosse mais dinâmica e com mais imagens se sobrepondo, alterando o fundo, inclusive; Sugeriu também levar o vídeo para a Coordenação do Curso de Odontologia e utilizá-lo nas recepções dos calouros.	Com o intuito de gerar reflexão no telespectador questionamentos finais foram acrescentados. Imagens de outras pessoas, de diferentes etnias, indo de encontro com a proposta da professora 1, serão utilizadas no momento da apresentação dos 4 argumentos-chave, proporcionando inclusão e maior dinâmica visual. O vídeo será apresentado a Comissão de Ensino do CCS com o objetivo de que possa chegar a todas as coordenações de curso.
Aluno 4	A palavra “fim”, que antecede os créditos, fica em cena por um tempo demasiadamente extenso. Termo “currículo oculto” merece destaque e explicação por ser uma expressão específica de pesquisadores do tema; Tradução e interpretação do conteúdo em libras.	Redução do tempo entre o “fim” e os créditos; O termo “currículo oculto” será apresentado junto de sua definição, por escrito; Para que o conteúdo seja inclusivo aos surdos, terá legenda do início ao fim do vídeo.

Professor 1	<p>Sugeriu títulos para o vídeo:</p> <p>“Universidade e assédio moral: um debate sobre o trote solidário/ um papo sobre o trote universitário”, “Trote universitário: rito de inclusão ou de violência?”;</p> <p>Apontou a falta de representatividade da população negra no início do vídeo;</p> <p>Considerou a narração acelerada em alguns pontos, principalmente no momento chave, em que se apresentam os 4 argumentos que perpassam o trote (a partir do minuto 1:45);</p> <p>Nesse mesmo ponto considerou importante serem representadas através de imagens outras etnias, como indígena, branca e asiática.</p>	<p>No momento chave em que ocorre a apresentação dos argumentos que percorrem o trote, o áudio será desacelerado para maior compreensão; assim como em outros momentos em que se buscará maior representatividade étnica.</p> <p>As sugestões fornecidas inspiraram a criação do título definido para o vídeo.</p>
Professor 2	<p>Rever minuto 3:10, no qual a balança pesa para o lado que contém menos palavras, no caso submissão e desrespeito.</p>	<p>Foram acrescentadas palavras no outro lado da balança</p>

*Currículo oculto é tudo aquilo que participa da formação dos estudantes, mas que não está incluída no currículo formal.

**Assimetrias de gênero são desigualdades de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres.

***Violência moral são condutas que causam sofrimento por conta de calúnia, difamação ou injúrias a moral de outro.